

Cada número da revista *Dobra* tem a sua palavra-problema (rede que se expande) que conectará os “intercessores” (as criações) de cada número. O propósito é multiplicar as legibilidades:

**d**

“O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais [...] Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores.”  
**Deleuze Conversações**

Um intercessor pode ser uma palavra, tudo depende do seu uso.

**e**

“Não gosto de palavra acostuada”  
**Manoel de Barros**

A *Dobra* gosta de *desacostumar* as palavras, desterritorializá-las para que elas, solicitando-os, abram caminhos, lugares de acolhimento, de hospedagem a todos os que por aqui desejem passar e deixar o seu traço nas paredes imateriais do nosso site, ou nas folhas impressas da revista. No n.º 1 da *Dobra* partimos de uma palavra capaz de *desacostumar* continuamente as palavras: “**Desaprendizagem**”.

Todo o n.º 1 de uma revista traça um esboço das solicitações que a agenciam. Desejo de uma casa. Fica o traçado do seu esboço.

**Este número é uma homenagem a Manuel António Pina:** “Uma casa é as ruínas de uma casa, uma coisa ameaçadora à espera de uma palavra; desenha-a como quem embala um remorso, com algum grau de abstracção e sem um plano rigoroso.”  
**Manuel António Pina**

**dob** **ra**

Revista de Literatura, Artes e Design  
A dobra é a continuidade do avesso e do direito, do verso e reverso da folha, a arte de instaurar esta continuidade entre as superfícies.  
Deleuze  
n.º 1 **Desaprendizagem**

**d**

A *Desaprendizagem* implica, antes de tudo, uma atitude de *humildade* e de amor face ao que ao que se aprende e ao que se ensina.

“Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas surge em seguida outra em que se ensina o que não se sabe: a isso se chama *procurar*. Chega agora, talvez, a idade de uma outra experiência: a de *desaprender*, de deixar germinar a mudança imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessámos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda que ousarei aqui arrebatar, sem complexos, à própria encruzilhada da sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de *saber*, um pouco de *sabedoria* e o máximo de *sabor* possível.”  
**Roland Barthes Lição\***

\* Barthes, Roland. *Liçon*. Trad. Ana Maíralda Leite. *Lição*, Edições 70, Lisboa, 1988

À língua francesa não falta uma palavra para “sabedoria” – “sagesse” – palavra comum, “acostuada”, palavra familiar. Roland Barthes poderia tê-la usado, mas escolheu fazer uso de uma outra palavra, uma palavra que se tornou estrangeira à própria língua a que deu origem – *sapientia*.

*Sapere*, em latim, tem o duplo sentido de “saber” e “ter sabor”. Na “encruzinhada da etimologia”, a palavra “saber” preserva, esquecido, o seu duplo sentido. Quando pensamos (uso mais familiar) no conhecimento, esta duplicidade é quase imperceptível na nossa língua; todavia aflora facilmente quando falamos de prazer, de comida, por exemplo: a ninguém é estranho dizer “isto está a saber-me mesmo bem” – sentimos o sabor que tem e apreciamo-lo, sabemos-lo pela boca. Falamos de um conhecimento vital, experiência da consciência e do corpo, do conhecer e do sentir, do saber e do sabor: eis a *Sapientia*.

Poderia ser desde logo esta a palavra inaugural da *Dobra*, mas optámos por essa outra – *desaprendizagem* – porque a *Dobra* é ainda uma revista de reflexão, ensaística e artística, sobre o que se ensina e sobre o que se aprende, sobre as formas como pensamos e partilhamos e o que sabemos e o que sentimos e sobre os modos como passamos e damos acesso ao que não sabemos, ao que experimentámos e esquecemos, ao que gostamos e descobrimos que nos afecta: chamemos “pedagogia criativa” a esta solicitação: **Desaprendizagem**.

“Os Outros: o melhor de mim sou Eles.”  
**Manuel de Barros**

MAIS PONTOS DE VISTA

Disse Adorno a propósito de Walter Benjamin:  
“A intenção de Benjamin era renunciar a toda a interpretação manifesta, fazendo com que as significações se impusessem apenas através da contrastada montagem do material. [...] Para coroar o anti-subjectivismo, toda a obra tinha de constar de citações.”  
(Theodor W. Adorno, “Caracterização de Walter Benjamin”, 1955: 23. Negrito meu)  
(Re)citar. Melhor, dirá Herberto Herder, *amaranhar paisagens*.

“Os analfabetos do século XXI não serão aqueles que não sabem ler e escrever, mas aqueles que não possam aprender, desaprender e reaprender.”  
**Alvin Toffler**

“We shall not cease from exploration  
And the end of all our exploring  
Will be to arrive where we started  
And know the place for the first time.”  
**T.S. Eliot**

**e**

“Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca”  
**Caeiro, IX**

ALGUNS PONTOS DE VISTA

*Desaprender* não é ignorar, não é o contrário ou a destruição do saber, não é negar.

*Desaprender* é afirmar, é saber dizer *sim*.  
*Desaprender* é inventar uma nova duração, uma nova atenção, uma permanência inconstante, a múltiplas vozes.

Há no *desaprender* um movimento de desconstrução, isto é, uma *experiência prática de conhecimento*, uma *experiência de resistência*, de *intransigência* face ao “pronto a consumir”.

A desconstrução não foi proposta por Jacques Derrida como um modelo de pensamento; como se sabe, a desconstrução é uma experiência (a própria experiência) do pensamento crítico, que não dispensa nem a experiência (a afeção do corpo), nem o pensamento crítico (que inclui a crítica do pensamento). Toda a experiência é incompatível com um modelo prévio; uma vez modelada passa a ser um conceito, ou um lugar-comum, deixa de ser experiência.

É da *desconstrução* dos sentidos comuns da palavra “aprendizagem” (formas de a *desacostumar*) que devém esta outra palavra afim que elegemos como **palavra inaugural** da *Dobra*.

Desaprender não é mover as coisas em direcção a um fim, desaprender é mudar as direcções das coisas, mudando-as de lugar: inventar (descobrir) os lugares *como se fosse a primeira vez*.

*A desaprendizagem é acima de tudo experiência de desconhecimento e descoberta do que não se sabe que se sabe*.

Enfim: *Desaprender é querer saber*. Este desejo devém do já sabido e para lá do já sabido, do que foi esquecido e do que redive a cada agora, do que se ignora e vem até nós, imprevisivelmente.

*Desaprender* abre imprevisíveis (porque imperceptíveis) vias pelas quais poderemos (re)aprender a saborear o prazer de saber. Como um regresso revolucionário (em sentido astronómico) ao ponto de partida: é (re)começar a conhecer o mundo pela boca, como o *infans* – eis o princípio da *Sapientia*.

“Desaprender oito horas por dia ensina os princípios. As coisas não querem ser vistas por pessoas razoáveis. Eles desejam ser olhadas de azul – que nem uma criança que olha a ave”  
**Manoel de Barros**

“To attain wisdom, know things every day.  
To attain wisdom, know things every day.”  
**Lo Tzu (604-531 BC)**

“O essencial é saber ver

Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),  
Isso exige um estudo profundo,  
Uma aprendizagem de desaprender”  
**Caeiro XXIV**

“LUKE SKYWALKER  
*Oh, no! We'll never get it out now!*”

YODA  
*So certain, are you? Always with you, what cannot be done. Hear you nothing that I say?*

LUKE SKYWALKER  
*Master, moving stones around is one thing, but this is... totally different!*

YODA  
*No! No different! Only different in your mind. You must unlearn what you have learned.*

LUKE SKYWALKER  
*All right, I'll give it a try.*

YODA  
*No! Try not. Do... or do not. There is no try.*”

“Star Wars Episode V: The Empire Strikes Back” (1980)

“Unlearning is more difficult than learning.”  
**Provérbio inglês**

“Eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram. Desencaixotar emoções, recuperar sentidos.”  
**Ruben Alves**

“It is not hard to learn more. What is hard is to unlearn when you discover yourself wrong.”  
**Martin H. Fischer**

Oh, juntar os pedaços de todos os livros e desimaginar o mundo, descriá-lo, amarrado ao mastro mais altivo do passado! Mas onde encontrar um passado?  
**Manuel António Pina**

**m**

“desaprendizagem” foi composto com a fonte-ensaio *Mertepý*, de Pedro Pina (2009)